

O Macho Latino



1 - O diagnóstico

A *infor-fobia* (ou incapacidade de relacionamento com a informática) não é mais do que uma modalidade da *tecno-fobia*.

Todos nós conhecemos pessoas que sofrem desta “doença” que podemos definir como a incapacidade para lidar com objectos que sejam mais complicados do que um carrinho-de-mão.

E eu até conheço quem trave duras lutas com um simples Multi-Banco, e prefira trazer o dinheiro escondido nas cuecas a ter que se defrontar com um *interface* desses...

A *infor-fobia* até tem alguma justificação, pois a informática era, até há pouco tempo, um domínio apenas reservado a iniciados:

Como é que se podia convencer um professor de ginástica, um advogado ou um pintor de que era preciso saber uma colecção de comandos pouco menos que cabalísticos para fazer uma simples agenda telefónica?

Quantos médicos, já barrigudos, iriam aprender Lotus 1-2-3 para registar os valores das análises dos doentes?

Quantas enfermeiras iriam aprender D-Base para fazer as fichas médicas que até se compravam já feitas em qualquer boa papelaria da Baixa?

A informática nunca foi uma coisa intuitiva, e nem mesmo o Macintosh conseguiu evitar o rato e o teclado...

2 - As consequências

Se o meu médico continuar a anotar os resultados do meu colesterol com caneta, não me vai incomodar muito. Mas se eu souber que, por um qualquer motivo obscuro, ele se recusa a aceder a uma base de dados onde possa estar a salvação da minha vida... bem, isso já me preocupa mais...

E é aí, nas consequências, que *bate o ponto*.

A informática hoje em dia, quer se queira quer não, tornou-se de tal forma omnipresente e importante que não se lhe pode fugir sem que, mais cedo ou mais tarde, haja consequências desagradáveis para alguém.

Refiro-me, muito especialmente, ao meio empresarial.

Não será muito grave se o guarda-redes do Marítimo não usar o Excel 5 ou se a minha padeira nunca tiver ouvido falar do Windows 95.

No entanto é muito possível que numa grande empresa seja absolutamente necessário que tanto o rececionista como o gestor estejam à vontade com um PC ou, pelo menos, com um teclado e um terminal.

3 - A cura

Como todas as doenças da sua família, a *infor-fobia* tem uma grande componente irracional e é, por isso, difícil de combater.

De qualquer forma, primeiro e inevitavelmente, vem à boca a palavra **formação**.

Depois, e não só porque rima, vem **motivação**.

E não se pense que me refiro apenas à **motivação** financeira.

Refiro-me a outra coisa: a percepção bem clara de que a informática pode, de facto, resolver problemas reais.

4 - Os derivados

Não se devia assustar as pessoas com a palavra *informática*. Pois:

- Tratar uma imagem com um programa de “Photo-Qualquer-Coisa-Plus!” pode ser um verdadeiro prazer, mesmo para um simples amador;
- um processador de texto pode ser uma dádiva do céu para um escritor prolífico;
- um CAD abrirá, certamente, novos horizontes a um arquiteto;
- um compositor, com um programa próprio, pode criar maravilhas;
- um melómano pode achar na Internet todos os discos que já desesperara encontrar;
- um chefe de repartição poderá descobrir no “Diário da República” *on-line* o texto que já não tinha esperanças de achar.

E, tal com o homem que estava muito admirado por, afinal, “fazer prosa sem saber”, também é muito possível que uma pessoa *infor-fóbica* dê por si a usar a informática!

E, pelo que sei de vivências próximas, esse é o caminho certo, pois em seguida, com calma, essas pessoas...

- quererão imprimir os trabalhos que fizeram: e aprenderão o “print”;
- quererão guardar os trabalhos que fizeram: e aprenderão o “save as”;
- quererão mostrá-los ao mundo: e aprenderão o “send now”;
- quererão copiá-los: e aprenderão o “copy-paste”;

E até a esposa ciumenta, para ver se o marido anda a arquivar ficheiros menos próprios, aprenderá o “file-open”.

E tudo isso virá com a maior das naturalidades.

Aquilo a que nas ofertas de emprego se chama, pomposamente, *informática na óptica do utilizador* é cada vez mais simples: felizmente para os não-sábios como eu; infelizmente para alguns outros...

A própria palavra *informática* devia, possivelmente, ser deixada para referir actividades de mais alto nível, como a programação, a gestão de redes, e coisas assim.

5 - Nas empresas

Hoje em dia é mais do que evidente que, mesmo na mais modesta empresa, o conhecimento de programas do tipo do Excel e do Word é absolutamente fundamental:

Desde o mais simples fax até ao mais complexo relatório, quase tudo passa por aplicações desse género.

E, quase sempre, o conhecimento de meia-dúzia de comandos (ainda por cima dados através de ícones intuitivos) é perfeitamente suficiente para o trabalho corrente.

Sucedem porém, em certas empresas, um fenómeno grave:

Devido à crise e a certas ideias de *downsizing*, a média de idades dos empregados subiu assustadoramente.

E, embora seja bonito dizer-se que “a idade não conta, porque a juventude está no espírito”, qualquer um que queira aprender a andar de *skate* verá que isso é *uma forma de expressão...*

Quer a disposição quer as próprias células do cérebro não são as mesmas ao longo da vida.

A informática e os computadores são, para a juventude, coisas tão naturais como para mim eram a bicicleta ou a bola de futebol. Mas, para os mais velhos, não é bem assim...

6 - A subversão

Desde os confins dos séculos, e em todas as instituições, sempre foram os chefes quem, em princípio, dominava *o saber*.

Pelo menos naquelas coisas que mais interessavam; pois, embora em certos ramos da actividade alguns profissionais pudessem saber mais do que eles, isso não era grave desde que não acontecesse **em assuntos vitais**.

Mas, agora, há uma diferença importante:

A informática, pela sua própria natureza, alastra a todo o lado, mexe com tudo.

Tornou-se **um desses assuntos vitais**.

E o facto de *os de baixo* - pela primeira vez na história das organizações - saberem, **num capítulo sensível**, mais do que a hierarquia, é um motivo de “desconforto” para esta. E, como tal, um factor de “perturbação”.

7 - A solução

A única solução é, como sempre, **formação**. Pelo menos a formação básica, *a tal basesinha*, que permita ter os olhos abertos para o futuro ou (pelo amor de Deus!) para o presente.

Mas a formação nem sempre é fácil, nesses casos, pois à ignorância está muitas vezes associada uma grande parcela de arrogância:

“Não sei nem quero saber”.

“No meu posto não preciso disso para nada”.

Um pouco à maneira do *macho latino* que se gaba de não saber cozinhar...

E quantos, por causa disso, ficam tantas vezes sem almoçar?!